

Make it Bounce

4K vídeo/video, cor/colour, som/sound, 9'56"

© Priscila Fernandes 2022

Com o apoio de / With the kind support of Stichting Droom
en Daad, Fundação Calouste Gulbenkian e/and Sismógrafo

Priscila Fernandes (Portugal, 1981) é artista e diretora da licenciatura em Belas Artes (BEAP) da ArtEZ University of the Arts, Arnhem, Países Baixos. A sua obra está enraizada numa pesquisa contínua sobre educação, o jogo, e a dialética entre o trabalho e o lazer. Em vídeos, publicações, desenhos, pinturas e instalações sonoras, ela aborda as disputas sociais que estão no centro de decisões estéticas de diferentes movimentos modernos. O seu trabalho tem sido exposto extensamente em vários países. Exposições recentes incluem a *32ª Bienal de São Paulo*; *The Book of Aesthetic Education of the Modern School*, Fundação Joan Miró, Barcelona; *Back to the sandbox: Art and Radical Pedagogy*, Reykjavik Art Museum; *Playgrounds*, Museu Reina Sofia, Madrid; *Learning for Life*, Henie-Onstad, Oslo; *12 Contemporâneos*, Museu de Serralves, Porto; *Those bastards in caps come to have fun and relax by the seaside instead of continuing to work in the factory*, na TENT, em Roterdão; e *This is the time. This is the Record of the Time*, no Stedelijk Museum Bureau, Amsterdão.

Priscila Fernandes (Portugal, 1981) is a visual artist and the Head of Department of the Bachelor of Fine Arts at ArtEZ University of the Arts, Arnhem, The Netherlands. Her practice is rooted in an ongoing research into education, play, and the dialectics of work and leisure. In videos, publications, drawings, paintings and sound installations, the artist addresses social disputes central to the aesthetic decisions of different modern movements. Her work has been exhibited widely. Recent exhibitions include *32nd São Paulo Biennial*; *The Book of Aesthetic Education of the Modern School*, Foundation Joan Miró, Barcelona; *Back to the sandbox: Art and Radical Pedagogy*, Reykjavik Art Museum; *Playgrounds*, Museum Reina Sofia, Madrid; *Learning for Life*, Henie-Onstad, Oslo; *12 Contemporâneos*, Museu de Serralves, Porto; *Those bastards in caps come to have fun and relax by the seaside instead of continuing to work in the factory*, at TENT, Rotterdam; and *This is the time. This is the Record of the Time* at Stedelijk Museum Bureau Amsterdam.

Make it bounce, please, make it bounce!

Duchamp é um sapo que perdeu a capacidade de saltar. Mondrian uma serpente que dá aulas de yoga. John Cage um rato que joga xadrez e apanha cogumelos. Um estúdio de yoga, um vídeo e uma cronologia que relaciona a arte abstracta com o lazer. Nesta exposição, os cogumelos transformam-se em instrumentos musicais, as pedras do muro são teclas de um piano, as borboletas nascem dos livros. Priscila Fernandes move-se em múltiplas direcções. Conta-nos uma história por analogias. Usa a justaposição para iluminar um mundo transitório e apresenta uma história alternativa. Joga com mitos da arte moderna, o entretenimento, o desejo de criar sem restrições, com um salto que nos arranca da indiferença.

Na cronologia que agora se publica, *The Waterslide of Abstract Art*, compilada ao longo de vários anos, Priscila Fernandes vai construindo pares não idênticos. Um *Luna Park*, o *Titanic*, um trampolim que lança o nosso corpo no ar. “Primordial Chaos”, de Hilma Af Klint, “Two Moons”, de Alexander Calder, “Total Solar Eclipse”, de Sarah Morris. Estas imagens falam entre si, a verdade de uma revela o que se encontrava escondido na outra. São momentos da vida moderna, com os seus materiais, as suas formas e ritmos. Mostram-nos que a mesma técnica que permite construir um barco de recreio, uma caravana ou uma roda gigante, mecanismos que nos fazem sonhar, também permite construir aviões que lançam bombas em vez de trazerem a neve do cimo das montanhas para lançá-la sobre a cidade nos dias quentes de Verão¹. As cores alegres das velas dos pequenos barcos de Daniel Buren (“Voile/Toile–TÅAoile/Voile”) contrastam com a imagem do Cais de Scheveningen bombardeado na Segunda Guerra Mundial, convertido agora em cenário de um salto. As justaposições de Priscila Fernandes vão além da comparação, das semelhanças e das diferenças: o relâmpago de duas forças separadas produz uma imagem saturada de história.

Walter Benjamin insiste que devemos acordar do mundo dos nossos pais. O mundo que entra na fantasia da nossa infância adquire um potencial crítico quando, como adultos, o reconhecemos como uma ilusão, como um sonho. Priscila Fernandes aproxima-se dos fragmentos de sonho para resgatar o que neles cristalizou, para decifrar os desejos esquecidos, para que possamos despertar do passado. Nos parques de atracção, nas termas, no campismo, nas actividades de lazer, nos lugares mais inesperados, a artista encontra a nossa história secreta. O mundo que vemos em “Make it bounce” não é outro, mas este percebido de um modo diferente. A artista preserva a capacidade mimética,

essa capacidade à qual se refere Benjamin quando diz que as crianças, nos seus jogos, percebem o mundo ao produzirem e reconhecerem similaridades: “A criança brinca não só a ser lojista ou professor, mas também moinho de vento e comboio”². Jogo, mímica, magia. Digressões, desvios, aparência. O sapo Duchamp, a serpente Mondrian e o rato Cage guardam um segredo. É preciso saltitar para alterar as coisas, não escapamos ao desastre apenas porque temos esperança: há que agir. Saltar para flutuarmos no espaço livremente. Este mundo que conhecemos não é o único imaginável. A arte ainda nos pode abrir um espaço de liberdade, juntando vários tempos e experiências, preservando a diferença, insistindo no ponto cego onde o desastre pode ser interrompido. Precisamos de um salto que expanda a fantasia, que nos abra a novas experiências cognitivas e sensoriais, que nos faça ver o mundo de pernas para o ar e nos mostre uma realidade multifacetada. Um salto de um corpo capaz de resistir à domesticação cultural. Um salto que permita romper a corrente de imagens que nos satura os sentidos, que nos faça acordar do sonho do nosso passado recente e nos mostre o verdadeiro rosto do presente. *Make it bounce, please, make it bounce!*

1 “The bombers remind us of what Leonardo da Vinci expected of man in flight: that he was to ascend in the skies ‘in order to seek snow on the mountaintops and bring it back to the city to spread on the sweltering streets in summer’” (Pierre Maxime Schuhl quoted in Walter Benjamin, *The Arcades Project*, Cambridge, Massachusetts, and London: Belknap Press of Harvard University Press, 1999, p.

486 [N 18a, 2].

2 Walter Benjamin, “On the Mimetic Faculty”, *Selected Writings*, vol. 2, part 1, 1927-1930, edited by Howard Eiland, Michael W. Jennings, and Gary Smith, Cambridge, Massachusetts, and London: Belknap Press of Harvard University Press, 1999, p. 720.

Make it bounce, please, make it bounce!

Duchamp is a frog that has lost the ability to jump. Mondrian is a snake that gives yoga classes. John Cage is a mouse that plays chess and is devoted to mushroom foraging. A yoga studio, a video, and a chronology that relates abstract art to leisure. In this exhibition, mushrooms become musical instruments, the stones on a wall are piano keys, butterflies are born from books. Priscila Fernandes moves in multiple directions. She tells us a story by analogies and uses juxtaposition to create a transitory world where an alternative history is sketched out. Priscila Fernandes plays with modern art myths, entertainment, and the desire to create without restrictions, with a jump that pulls us out of indifference.

In the chronology now published, *The Waterslide of Abstract Art*, compiled over several years, Priscila Fernandes builds non-identical pairs. A Luna Park, the Titanic, a trampoline that throws our bodies into the air. “Primordial Chaos” by Hilma Af Klint, “Two Moons” by Alexander Calder, “Total Solar Eclipse” by Sarah Morris. These images talk to each other, the truth of one reveals what was hidden in the other. They are moments of modern life, with its materials, shapes, and rhythms. They show us that the same technique that allows us to build a sailboat, a caravan or a Ferris wheel, mechanisms that make us dream, also allows us to build airplanes that drop bombs instead of bringing snow from the top of the mountains to drop it over the city on warm summer days¹. The cheerful colors of the sails of Daniel Buren’s small boats (“Voile/Toile–Toile/Voile”) contrast with the image of the bombed-out Scheveningen Pier in World War II, now converted into the setting for a jump. Priscila Fernandes’ juxtapositions go beyond comparison, similarities, and differences: the flash of two separate forces produces an image saturated with history.

Walter Benjamin insists that we must awaken from the world of our parents. The world that enters the fantasy of our childhood acquires a critical potential when, as adults, we recognize it as an illusion, as a dream. Priscila Fernandes approaches the dream fragments to rescue what has crystallized in them, to decipher forgotten desires, so that we can awaken from the past. She finds our secret history in amusement parks, in spas, in camping, in leisure activities, in the most unexpected places. The world we see in “Make it bounce” is not some other world, but this one perceived in a different way. The artist preserves the mimetic capacity, that capacity to which Benjamin refers when he says that children, in their games, perceive the world by producing and recognizing similarities: “The child plays at being not only

a shopkeeper or teacher, but also a windmill and a train”². Game, mimicry, magic. Digressions, detours, semblance. The frog Duchamp, the snake Mondrian, and the mouse Cage are keeping a secret. We must bounce to change things; we don’t escape disaster just because we hope: we must act, jump so that we can float in space freely. This world we know is not the only one imaginable. Art can still open a space of freedom, bringing together various times and experiences, preserving difference, insisting on the blind spot where disaster can be stopped. We need a jump that expands the fantasy, that opens us to new cognitive and sensory experiences, that makes us see the world upside down and shows us a multifaceted reality. A jump of a body capable of resisting cultural domestication. A jump that allows us to break the current of images that saturate our senses, that makes us wake up from the dream of our recent past and show us the true face of the present. *Make it bounce, please, make it bounce!*

1 “Os aviões bombardeiros lembram-nos o que Leonardo da Vinci esperava do homem voador, que devia elevar-se para ‘procurar a neve nos cumes das montanhas e voltar para a espalhar sobre o pavimento escaldante da cidade no Verão’ ” (Pierre Maxime Schuhl citado em Walter Benjamin, *As Passagens de Paris*, [N 18 a, 2], edição e tradução de João Barrento, Lisboa: Assírio & Alvim, 2019, p. 617).

2 Walter Benjamin, “On the Mimetic Faculty”, *Selected Writings*, vol. 2, part 1, 1927-1930, editado por Howard Eiland, Michael W. Jennings, e Gary Smith, Cambridge, Massachusetts e Londres: Belknap Press of Harvard University Press, 1999, p. 720.